O CENTENARIO DE CALDERON

A Hespanha acaba de render homenagem á memoria de um dos seus mais sublimes escriptores. Calderon de la Barca pertence á brilhante pleiade de Lope de Vega, Alarcon, Miguel Cervantes; é um dos mais scintillantes genios da época mais feliz da litteratura hespanhola.

As festas do centenario de Calderon indicam uma certa vitalidade, uma energia latente na moderna geração hespanhola, que, pondo de parte todos os preconceitos, se levanta unanime para glorificar um dos vultos que mais concorreu para a gloria da litteratura de um paiz que, felizmente, encontrou a lei dynamica da sua evolução social.

Ha um anno tinhamos uma festa similhante. Saudavamos o nosso épico e faziamos reviver a gloria passada de Portugal. Revolviamos os velhos catalogos da nossa nobreza entre as nações, reconstruiamos no pensamento os bellos tempos das nossas descobertas, levantavamos as ruinas que são hoje a nossa unica gloria.

Para nós, Camões symboliza o passado, sendo ao mesmo tempo a luz do futuro.

As festas do tricentenario eram um dever, uma divida que contrairamos com a posse dos Luziadas.

Camões deu-nos um nome illustre, que é ao mesmo tempo toda a nossa nobreza e onde se encerram os pergaminhos que nos collocam entre as nações mais fidalgas da Europa. E nós glorificámos Camões, porque este nome só por si constitue a litteratura e a poesia portugueza, porque o nosso épico é a individualidade que representa um povo.

O catalogo dos nossos escriptores dos seculos passados é grande, é immenso. Tiveimos Gil Vicente na arte dramatica, João de Barros, Diogo de Couto, como historiadores, Sá de Miranda, Bocage e tantos mais em poesia, mas nem Barros, nem Gil Vicente, nem Bocage tiveram o cunho especial de grandeza litteraria, porque nenhum levantou o seu espirito tão alto, nenhum comprehendeu tão

bem o futuro de Portugal e a nossa evolução social, como o cantor dos Luziadas.

Molière, Corneille, Racine, Chateaubriand, Lamartine, são poetas da França, mas o autor da Henriade é a individualidade que caracterisa a França illustre, a França despida dos dogmas da Igreja e alheia ás ordens do Syllabus, a França liberal e revolucionaria.

Voltaire é o primeiro poeta francez do seculo dezoito e ao mesmo tempo um dos primeiros dos seculos passados. N'elle vemos a França do passado, como em Victor Hugo symbolisamos a França de hoje. Representam épocas distanciadas por grandes transformações sociaes. O primeiro levantou as bases do monumento que o segundo devia concluir.

Por isso, os centenarios de Camões e de Voltaire foram uma justa homenagem áquelles dois grandes genios, que souberam comprehender o ideal da liberdade e da justiça, pelo ideal da sciencia e da democracia.

No estado actual da civilisação europea, em que cada povo se levanta orgulhoso para saudar a memoria do seu mais legitimo representante, na época em que os centenarios são a fórma mais bella e mais justa de se glorificar um heroe nas pugnas intellectuaes, não competia á Hespanha, que tem aliás um passado tão glorioso, ficar silenciosa perante a Italia que saudou Petrarca, a França que admirou Voltaire, e Portugal que desenterrou Camões. Era-lhe preciso um centenario. O mais proximo era o de Calderon. Realisou-o.

Para a Hespanha eram uma grande necessidade as festas de um centenario. As nações soffrem tambem enthusiasmos francos, que as remoçam e que as ennobrecem ao mesmo tempo. Pertencendo á familia latina como a Italia, Portugal e a França, marchando como estas para a realisação de um mesmo ideal, tendo uma communidade de ideias nascidas de bases scientificas, vivendo das mesmas aspirações, não convinha á patria de Cervantes ficar silenciosa, quando as suas irmãs faziam reviver as suas glorias passadas.

Foi por isso que festejou o segundo centenario de Calderon.

Porém escolheu mal, porque Calderon não é o mais illustre representante do povo hespanhol. Nem possue o genio épico de Camões, nem a philosophia de Voltaire. Ao contrario, Calderon e Voltaire acham-se em polos oppostos. Este luta pela liberdade, pela sciencia, pela democracia; aquelle auxilia a inquisição, prolonga a phase theologica e fortifica a metaphysica com os seus «Autos sacramentaes». O segundo procura collocar entre as ruinas do passado o dogmatismo do Vaticano; estabelece uma philosophia sã, racional; trabalha por abrir uma nova época á evolução dos povos europeus. O primeiro, sendo o filho querido da monarchia, é ao mesmo tempo um soldado da reacção.

Calderon não póde pois ter jus a um centenario.

Mas a Hespanha, glorificando-o, não suppoz festejar o seu Camões. Conhece-o bem, para lhe não reconhecer superioridade sobre Lope de Vega e Cervantes.

Calderon, não sendo uma individualidade como Victor Hugo ou Shakspeare, é comtudo um dos escriptores da Hespanha que mais primou pela elevação de estylo, pureza da linguagem, sublimidade na fórma e sobretudo pela harmonia das suas ideias.

Considerado debaixo d'este ponto de vista, Calderon é um dos melhores e dos mais notaveis escriptores da litteratura hespanhola e o primeiro dramaturgo da Peninsula. Se não lutou por um ideal mais elevado, se se deixou arrastar pela corrente das ideias do seu seculo, se subordinou o seu talento ao capricho da corte dos Filippes, não é sua a culpa.

As influencias mesologicas têem muita energia. Não se resiste facilmente á força da corrupção.

Porto, 25 de Maio de 1881.

SILVA TELLES.

DESEMBARQUE DOS INFANTES EM AFRICA

(Versão da comedia de Calderon: *El Principe constante*)

D. FERNANDO:

O' Africa, ninguem primeiro que eu
Pisará tuas praias arenosas;
Para que, oppressa sob o passo meu,
Tu vás sentindo as forças poderosas
Que hão-de vencer-te em breve.

D. HENRIQUE:

E eu o segundo
Serei. Valha-me Deus!

(cae)

Sempre no mundo
Por agouros me vejo acompanhado!

D. FERNANDO:

Perde, Henrique, a taes coisas o temor.
Se ao chão cahiste, foi que a mesma terra,
Venerando-te já como senhor,
Agradecida os braços te ha lançado...

D. HENRIQUE:

Os Arabes fugiram d'esta serra
Ao ver-nos. Tudo jaz despovoado.

D. JOÃO COUTINHO:

Tânger as portas de seus muros cerra.

D. FERNANDO:

Seguro asylo todos tem buscado.
D. João Coutinho, conde de Marialva,
Reconhecei a terra com cuidado,
Antes que o sol, apenas romper alva,
Com mais ardor nos fira e nos offenda.
Fazei a Tanger a primeira salva,
Dizei que defender-se não pretenda,
Pois hei-de conquistá-la a todo o transe,
Deixar em sangue immersas as campinas,
E os palacios em cinzas e ruinas....

D. JOÃO:

Nem que um vulcão acceso e chammejante,
Como nuvem, a luz do sol alcance,
Ás proprias portas chegarei ovante.

(Ed. de Madrid, anno 1726, pag. 516)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

PARALLELO

Ha sete annos rebentou do seio de um paiz eminentemente liberal a ideia dos centenarios, esse amplexo fraternal em que as nações civilisadas se unem pela ideia.

A Italia abriu caminho ás suas irmãs da Europa no cortejo glorioso aos heroes da humanidade, celebrando o quinto centenario de Petrarcha, o gigantesco espirito que promoveu no seculo XIV a renascença das letras e que foi seguramente o mais terno, o mais apaixonado dos lyricos europeus.

Em 1878 continuou a França o nobre pensamento da Italia, realisando uma imponente manifestação civica a Voltaire, o fami-

gerado *Patriarca de Ferney*, o primeiro vulto litterario do seculo XVIII.

Em 1880 levanta Portugal o mundo inteiro, fazendo reviver no espirito do povo o nome de Camões e collocando no altar da litteratura portugneza o livro da sua immortallidade — os Lusiadas. —

Hoje solemnisa a Hespanha o segundo centenario de Calderon de la Barca, o immortal auctor de *La vida es sueño*. Sem duvida alguma Voltaire, Petrarcha, Calderon e Camões foram quatro genios superiores, quatro astros fulgentissimos do firmamento litterario da Europa. Todos elles conquistaram a immortalidade, todos legaram á sua patria uma herança de glorias perduraveis.

Petrarcha e Camões aproximam-se pelas desventuras e fatalidades de que foram victimas; soffreram os rigores da inveja do clero e da nobreza; supportaram com resignação os effeitos das intrigas provocadas pelo seu talento fulgurante; não teriam ganho a palma da fama e da immortalidade se não fosse o amor de duas mulheres — Laura e Catharina; foram ambos desterrados como que providencialmente para começarem as grandes manobras no campo dos triumphos litterarios; emfim só desferiram as plangentes cordas das suas lyras depois de sobrecarregados de infortunios, já açoitados pelo azorrague inexoravel da adversidade!

A vida de um e de outro é um resumo da historia do seu paiz na época em que elles existiram e ao mesmo tempo um compendio de tristezas e amarguras.

Foram egualmente os mais nacionaes dos poetas da sua nação, combateram pela patria, guardaram uma fidelidade inimitavel aos seus ideaes; e, se Petrarcha fez o idioma latino entrar na linha das linguas europeas só com os seus sonetos e canções, tambem Camões offereceu a Portugal um patrimonio perenne e ao mundo inteiro o testemunho mais edificante de quanto póde o genio guerreiro, illustre e independente.

Por fim morreram ambos na miseria!

Eis aqui como estes dois grandes engenhos se irmanam pelos laços da historia.

Voltaire e Calderon defenderam tambem os direitos da humanidade, pugnando pela justiça e pelo trabalho e soffreram egualmente o exilio como Camões e Petrarcha. Mas conheceram a grandeza e a opulencia e por isso não souberam pintar tão bem as scenas da miseria; attrahiram a veneração dos magnates da Europa que os rodeavam como a uns semi-deuses e por isso conseguiram desfructar no mundo a felicidade de espirito que até ahi os grandes homens não tinham conquistado.

Porém a sympathia de Calderon pelos homens de sotaina e a guerra cruenta de Voltaire contra esses vampiros da consciencia humana, collocam um abysmo entre estes dois homens: d'um lado está a liberdade, do outro a reacção.

Voltaire tinha uma intelligencia opulenta, malleavel; e as transições do jocoso para o pathetico do poetico, para o prosaico, conservando um estylo claro, suave e puro, são a prova d'isto, ao mesmo tempo que foram os caracteres mais notaveis da sua poderosa individualidade. Condorcet chamou-lhe o propheta do futuro, porque elle previu e facilitou a vinda da liberdade, da egualdade e da fraternidade.

Calderon tambem era um espirito alevantado e culto; mas as suas obras resentem-se d'essas velharias dos conventos e dos preconceitos fradescos que iam submergindo a humanidade no-antro da mais crassa ignorancia.

A Hespanha, porém, deve-lhe muito, porque foi elle quem continuou a obra de Cervantes e Lope de Vega, erguendo o theatro nacional da decadencia a que tinha chegado; foi elle quem trabalhou para levantar ao seu verdadeiro nivel a arte desprestigiada.

E quando a Hespanha tiver celebrado os centenarios de Cervantes e de Lope de Vega, poderá com orgulho dizer que rendeu o culto devido aos tres maiores vultos da sua litteratura.

Só assim recuperará o nome que lhe pertence na historia dos povos civilisados.

Porto, 25 de Maio de 1881.

MONT'ALVERNE DE SEQUEIRA.

CREDO, QUIA ABSURDUM

(IMITAÇÃO DE M.me ACKERMANN)

Para além do horisonte da Sciencia
Abre-se um vácuo obscuro, immenso, frio...
Apoderou-se a Fé d'esse vasio.

Sobre o páramo negro, cuja essencia
E' ser sempre intangivel e sem dono,
A Fé fundamentou alli o throno.

No boqueirão, febril, se precipita,
Julgando illuminá-lo com seus raios;
Mas só produz os mysticos desmaios!

Perpassa o tempo, e hoje te indigita,
Hallucinada fé, que o não dominas!
O vácuo absorve-te, e ás visões divinas.

Vae; procura outros mundos, que esse espaço
Os teus phantasmas resurgir não deixa;
Incogniscivel, —a Sciencia o fecha,
Valhacouto do idiota e do devasso.

THEOPHILO BRAGA.

PORTUGAL E A GALLIZA

Assim como, segundo a theoria da evolução, o homem-animal se esqueceu de que sahira lentamente dos mammiferos simianos, tambem muitas vezes o homem-social perdeu a lembrança da sua origem ethnica. Os Romanos, por ex., postoque tivessem um parentesco com os Germanos, Celtas e Gregos, — povos aryanos, — ainda pouco tempo antes da era christã chamavam *barbaros* a todos esses povos. Entrando em nossa casa, achamos o mesmo esquecimento no facto que se dá entre Portuguezes e Gallegos. Sabe-se que para Portugal o nome *gallego* é uma irrisão. Ha um vento particular denominado *vento gallego*, e uma lenga-lenga popular affirma que: = Duzentos gallegos — Não fazem um homem. = [1]

O proprio Camões, apesar de descendente de uma familia da Galliza, não se pejou de dizer ao povo da sua procedencia:

> Oh sordidos Gallegos, duro bando,
> (Lus. c. IV, est. 10, ed. da *Actual*).

ao mesmo tempo que escrevia dois sonetos em lingua gallega (n.º 168 e 169, — da ed. da *Actual*).

Com effeito Portuguezes e Gallegos tem affinidades de origem. Nas antigas epochas, como se lê em Strabão (lib. 3.º), a Lusitania confinava ao Poente e Norte com o Oceano, isto é, comprehendia as Gallœcias lucense e bracharense. Na Edade-Media, meados do sec. XI, a Galliza chegava até ao Mondego. Nos ultimos annos do mesmo seculo, depois de novas conquistas de Affonso VI, Raymundo de Borgonha, genro d'aquelle rei, e conde de Galliza, governava todo o paiz até ao Tejo. A Galliza, por essa epocha, dividia-se em varios governos, como *Portucale* ou *Terra Portucalensis*, condado de Coimbra, etc.. Em 1097 D. Henrique, tambem genro de Affonso VI, apparece dominando, sob o titulo do *conde portucalense*, no territorio comprehendido entro o Minho e o Tejo. Os limites do condado são pouco estaveis a principio. Da parte dos Portucalenses ha até uma tendencia a integrarem-se com os Gallegos. D. Thereza, a *regina*, apodera-se dos districtos de Tuy e Orense, que mais tarde vem a perder. Affonso Henriques ataca por varias vezes o districto de Limia, chegando a fundar o castello de Celmes. Dois condes gallegos procurão entregar-se ao joven filho de D. Henrique. Mais tarde manifesta-se egual tendencia, mas os acontecimentos levão Portugal a desistir do intento, ou

---

1 Este amphiguri vem apontado no t. 1.º das obras de Fylinto Elysio, pag. 332, not. (Paris, 1817, in-8.º) Possuo uma versão popular.

pela consciencia da inutilidade d'elle, ou porque a actividade achava-se distrahida para as conquistas e posteriores descobertas do Sul.

Houve sempre uma influencia reciproca entre os dois povos do Occidente da Hispanha. O gallego, como demonstra a philologia romanica, é um dialecto portuguez; basta lermos qualquer composição naquella lingua para nos convencermos logo da relação d'ella com a nossa, principalmente com a popular. Em gallego poetárão muitos dos collaboradores do *Cancioneiro da Vaticana*, e aqui se vêem muitos nomes de auctores gallegos. Pela Galliza se propagou a Portugal a eschola poetica provençal, e D. Diniz, esse rei *que fez tudo quanto quiz*, cantou nas suas canções os amores de *Tristão*, *Branca-flôr*, etc.

Quem comparar as tradições populares portuguezas com as gallegas, encontra um parentesco palpitante: as mesmas cantigas, as mesmas adivinhas, os mesmos adagios, as mesmas lendas locaes. As romarias de S. Thiago, tão celebres na Edade-Media, fizerão por toda a parte nascer aventuras, e o povo portuguez ainda hoje pensa que todos tem de ir a Compostella em vida ou morte.

Se existe, pois, tal analogia entre Portugal e Galliza, analogia que tão bem póde traduzir-se numa federação, se o curso das ideias, em vez de levar a utopias monarchicas de união iberica prejudiciaes para nós, guiar os animos num certo sentido; se nós vemos as populações da Galliza emigrarem constantemente para cá, offerecendo-nos os seus braços em qualquer ordem de trabalhos: porque é esse opprobrio infame arremessado ás faces dos nossos irmãos?

Aproveitando a occasião do 2.º centenario calderoneano, em que os povos peninsulares, conforme ha pouco fizerão a Camões, se aggregão para commemorar a memoria de um espirito illustre que assim traduziu os sentimentos dos nossos infantes D. Fernando e D. Henrique:

> no somos dos Maestres, dos Infantes?
> quando bastava ser dos Portugueses
> particulares, para no aver visto
> la cara al miedo.
>
> (*El principe constante*, ed. de 1726).

venho, perante a Geographia, a Historia, a Ethnographia e a Moral, protestar solemnemente contra o falso preconceito portuguez que liga ao nome gallego uma significação affrontosa. Espero que a imprensa illustrada do paiz corresponda a este appêllo.

Porto, 25 de Maio de 1881.

J. Leite de Vasconcellos.

Á GALLIZA

Como unha queixa que leva o vento,
Cal un sospiro qu'o peito garda.

(Carvajal, — o ALALALAA)

Por ti nos veiu o alaude da Provença,
Essa toada languida, feliz,
Que trouxe á Iberia uma alegria immensa,
E encheu de luz o poeta D. Diniz,
— Rei, que doirou de glória a penna, a enxada,
Mais amigo do arado, que da espada.

Emquanto que Isabel mudava as flores
Em pão, para os mendigos consolar,
Elle, o bom rei, cantava os seus amores,
Nos balcões ogivaes, ao manso luar...
Branca-flor e *Tristão*, como saudades,
Sorriam-lhe nas grandes claridades.

Por ti, cortada flor dos Pyreneus,
Que romagens não houve e procissões!
Que lendas romanescas (alto Deus!)
Alumiadas de celicas visões!
Inda hoje, como um echo dolorido,
— *Sanct'-Iago!* — ás vezes sôa ao nosso ouvido.

Eras a Palestina do Occidente,
Peregrinação mystica, ideal:
Por ti deixa o alcaide a guerra ardente,
E vae pelos condados o jogral,
Narrando, junto ás portas dos castellos,
As aventuras de esses tempos bellos.

Dos altos torreões e das ameias
Vêm escutá-lo as *donas* namoradas;
Ao longe despovoão-se as aldeias,
Prêsas do som das marciaes balladas.
Ah! quanto a Edade-Media florescia,
Se a não filasse a negra theologia!

O' GALLÆCIA, tu dás um largo thema
A' inspiração! D'ahí sahiu Camões,
Alma de fogo, synthese suprema
De nobres fastos, immortaes acções,
Cantor de uma epopeia sempre grande,
Onde de um povo a aspiração se expande.

Porque te insultão, lyra das Hispanhas?
Pois não ouvem o grito do Alalálaa
Que os Gallegos entoão nas montanhas?
E que cantiga harmonica o eguala?
Porque atira teus filhos ao desprêso
Quem sente n'alma o mesmo lume acceso?

Quem tem os mesmos usos quotidianos,
Na mesma lingua sólta eguaes canções?
— Herdeiros dos valentes lusitanos,
Não differem as nossas tradições:
Antes no campo bellico da Historia
Possuimos egual quinhão de glória.

Jamais o opprobrio desleal e baixo
Sobre o nome gallego, nosso irmão!
A Justiça levanta o vivo facho
Da federal e ethnica união:
Separados da Hispanha, em dia novo,
Outra vez formaremos um só povo!

Porto, 25 de Maio de 1881.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

BALTHAZAR WERNECK

I

Balthazar Werneck Ribeiro de Aguilar e Vasconcellos falleceu em Vianna, ao cabo de uma enfermidade longa, caprichosa e complexa, a 18 de janeiro de 1879, com sessenta e quatro annos de edade.

Era o finado, em Portugal, o ultimo reprezentante, por varonia, de uma familia distincta que, no principio do século passado, exerceu na sociedade viannense uma proeminencia legitima.

Seu pae, Gaspar Werneck (escriviam Barneque ou Berneque) era filho de Manoel Ribeiro de Aguilar e de D. Marianna de Faria Poimbinho, filha de Bartholomeu Poimbinho, senhor de uma fabrica de papel entre o Padrão e Compostella.

Era Manoel Ribeiro de Aguilar, filho de Gaspar Barnéque Ribeiro, fidalgo de muitas prendas e instrucção, o qual passou, entre os que o tractáram de perto, por um engenho atilado e polidissimo. Teve por mulher a D. Catharina Maciel, d'esta cidade, rezidindo então, não na Carreira, junto ao convento de Sanct'Anna onde, mais tarde, vieram assistir seus descendentes, mas na rua das Rozas, em casa propria, e com regálos que a sua condição e estado requeriam.

Entre as varias prendas que muito concorrêram para abrilhantar o talento de Gaspar Barnéque, figura nas memorias antigas a de ser elle distincto amador da muzica e grande conhecedor da historia.

Dos seus conhecimentos historicos não acho eu que o atilâdo fidalgo deixasse tão bons representantes como os deixou no amôr pela arte da muzica. Póde dizer-se que desde Manoel Ribeiro de Aguilar, aquella familia nunca mais deixou de ter excellentes muzicos nos melhores dos seus representantes, distinguindo-se por isso, quando outros titulos não bastassem, da maior parte da fidalguia do seu tempo.

Conta-se que fôra bom muzico na sua religião o reverendo fr. Francisco Barnéque, religiozo dominico, irmão do padre Chrystovam Barnéque, que acabou em Galliza, ambos filhos de Gaspar Barnéque Ribeiro.

Um curioso linhagista que escreveu d'esta e de outras familias de Vianna um interessante tratado a que deu o titulo de *Memorias das pessoas que no meu tempo* (1756) *se distinguiram em Nobreza, Letras e Armas,* e cujo original possúo, diz-me que, por aquelles tempos, este Chrystovam Barnéque «vivia evangelisando na casa da fabrica do papel, na Galliza».

Grandes hereges parece que deveriam ser aquelles mechanicos!

II

Gaspar Barnéque, pae do fallecido Balthazar Werneck, ajuntava a ser excellente muzico o grande merito de cultivar, com muito esmero, a poesia mythologica do seu tempo. Seu filho, ha pouco arrebatado pela morte, e com quem tive algum tracto, mostrou-me alguns dos seus trabalhos litterarios; e entre esses um conceituozo e bem acabádo distico latino, que próva mais uma vez, quanto andava nos preceitos da boa educação da mocidade de ha cincoenta annos, o melhor conhecimento da rica lingua de Cicero.

É, na verdade, digno de escrever-se e relatar-se, o módo porque, aqui entre nós, em Vianna, ha perto de tres gerações, viviam os reprezentantes da melhor gente da terra.

Abria os salões da sua casa (onde hoje está o Hotel Central) com a galardia de um fidalgo d'aquelles tempos, e depois chanceler da Relação do Porto, Sebastião Corrêa de Sá, e ahi se ajuntavam os mais fervorosos enthuziastas da muzica. Eram elles, entre outros, Antonio de Sá Pinto, irmão do desembargador do Porto e depois da Supplicação, João de Sá Pinto Abreu Sotto-mayor; Gaspar Barnéque; o general Luis do Rego, e o infeliz e talentozo magistrado Francisco Antonio de Abreu e Lima, irmão de Luiz

Antonio de Abreu e Lima, que acabou conde da Carreira, e do capitão de infanteria Diogo Gomes de Abreu, que eu ainda conheci. Este amôr pela muzica, «que era o gosto dominante de todas as pessoas bem-criadas» como confessa em um documento publico, [1] o já referido Francisco Antonio de Abreu, levava-os a serem elles, á excepção do general Luis do Rego, que apenas era simples amador, os que compunham a orchestra do theatro, quando alguma companhia dramatica acertava em passar aqui.

Vejam, por este cazo, o que a Idea Democratica tem n'esta terra progredido!

Qual seria hoje o simples *cavalleiro do habito de Christo*, que iria assentar-se, com alguns collegas seus, no corêto do nosso theatro?

Pois iam elles; eram elles os artistas, os muzicos d'aquellas festas naturalmente saudozas e de muito enthuziasmo, quando o cothurno do filho de Affonso IV fazia chorar abundantemente as nédias damas nos seus camarotes e provocava estremecimentos de commoção nos acasquilhados cadetes de infanteria 9.

As meninas que, a esse tempo, se tingiam de rubidos pudôres ao ouvirem as timidas jogralidades dos comicos; que tinham ou sabiam fingir uns certos dótes moraes que vão excellentemente em peito de mulher, eram as que, a furto, sorriam á generosa mocidade vianneza que se alquebrava nas cadeiras da platêa, não a procurar a herança que lhes ampáre a adolescencia ignára e malandra e lhes acuda, com esmolas, aos dias da velhice enferma e dessoráda, mas a buscar a alma (no tempo em que havia alma!) que soubesse encher de sanctos jubilos a vida do espozo e soubesse encaminhar os primeiros passos aos filhos d'essa união!

Ó minhas senhoras! minhas senhoras! como antes dos escriptos de Flaubert e de Bodelaire, as ditosas avós de vv. exc.as fôram amadas, respeitadas e entendidas!

---

[1] Requerimento e Sentença de Francisco Antonio de Abreu e Lima. Porto, com licença, Anno de 1824.

D'esses saraus musicaes, d'esse enthuziastico amôr pela muzica, só coube ao honrado Francisco Antonio de Abreu e Lima colher os fructos amargos e as provações mais tristes!

É um caso escuro, que irá para melhor lance, quando alguem escrever as tristes consequencias que rezultaram a um juiz de fóra por haver commetido a criminosa ouzadia de, com outros fidalgos, ir tocar rebecão no dia 26 de janeiro de 1823 na egreja de S. Domingos de Vianna! — caso assombroso que teve de ser decidido por sentença da Casa da Relação do Porto, proferida sobre uns autos de setenta folhas, com data de 10 de abril de 1824, com rubrica dos desembargadores Almeida e Vasconcellos, Moraes, Soveral, Mesquita, Almeida, e Sá Lopes.

Talvez seja por estes perigos que a mocidade viannense do meu tempo não accomette com as lettras nem com as artes, receioza de padecer os aggravos que experimentou o irmão do conde da Carreira!

Póde ser.

III

Era Balthazar Werneck, como seu pae, extremado amador de muzica e assiduo cultôr da poesia.

Em tempo ainda do ultimo visconde da Carreira (Luis Bravo de Abreu e Lima) eram os saraus muzicaes em casa d'este ultimo, e ahi se ajuntava a já rareáda ála dos amadores que, com o tempo, se tornou, de difficil, impossivel de congregar.

A par do culto pela muzica accendia-se o enthuziasmo pela poezia.

(Continúa)

JOSÉ CALDAS.